

## Clóvis Ambrósio

Boa tarde. Quero agradecer ao convite feito para o Conselho Indígena de Roraima. O coordenador deveria ter vindo, mas não pode devido a problemas existentes com a demarcação da Raposa/Serra do Sol. Não pudemos chegar no primeiro momento, mas espero contribuir com alguma coisa. Eu gostaria de me apresentar: sou da etnia Wapixana, moro na aldeia, sou o segundo tuxaua lá e trabalho no Conselho Indígena de Roraima. Também faço parte da comissão da CSI, a Casa da Saúde do Índio. Se forem reformuladas as leis para os índios, será que as novas serão realmente cumpridas? Isto é algo que a gente pode questionar muito, porque durante estes anos temos convivido na nossa aldeia com leis que vêm protegendo a população indígena e só sabemos definir as coisas negativas, porque as positivas foram muito poucas. Muitas pessoas já falaram aqui da situação das leis de proteção. O que eu sei é que nós temos leis bem claras quanto à definição da demarcação das terras mas, quando chega a hora de fazê-la, aparecem milhares de problemas e nós, os povos indígenas, ficamos surpresos e frustrados quando uma demarcação de terra está sendo feita e de repente é contestada, embargada, suspensa. Para nós torna-se difícil explicar o que ocorre para o pessoal que está dentro da comunidade, que não conhece um centímetro, não conhece nada de leis, só o que nós passamos para eles. Há também a parte da educação. A Constituição diz que o índio pode ser alfabetizado na sua língua materna, mas será que existe material para isto? Não existe. Por isto, é implantada uma educação completamente diferente da que o índio deveria ter. Tudo isto faz com que a população indígena fique perdida, apesar de toda a diversidade cultural que nós temos. Mas ainda temos esperança de poder suprir estas necessidades. Nós, indígenas, temos cultura, temos a nossa língua, temos a nossa religião, a nossa tradição. Se nos aculturarmos, vamos ter mais conhecimento da realidade de outros povos assim como outros povos têm conhecimento da nossa realidade, da nossa vida e da nossa língua. Estamos no mundo do desenvolvimento e quero dizer que nós, indígenas, também estamos participando dele, porque criamos a necessidade de usar aquilo que o branco usa. Foi implantado um conhecimento na escola e nós estamos tendo que acompanhar. Temos uma organização indígena em Roraima que representa cinco povos indígenas, mais isto não significa que vamos opinar dentro da comunidade deles. Os caciques é que tomam as decisões, nós apenas representamos as comunidades quando é preciso. É assim que temos trabalhado. A gente viu que na parte da educação o próprio índio tinha condições de assumir. Temos lá uma rede de 436 professores indígenas que dão aula dentro das suas comunidades, apesar de não ser na sua própria língua materna. Estamos modificando um pouco a educação indígena. Há uma educação voltada à própria cultura indígena, com a língua materna, com o artesanato, com a medicina tradicional, que é a pajelança, e que é aplicada em algumas das nossas escolas. Mas também adquirimos algumas coisas do branco, como por exemplo, o projeto do gado. O projeto aumentou muito e nós temos hoje 18.000 cabeças de gado nas comunidades indígenas. O que está faltando são pessoas preparadas para cuidar deste projeto, para dar acompanhamento técnico para que o rebanho possa aumentar e gerar recursos para as comunidades. Algumas pessoas dizem: “Vocês têm que limitar o gado porque senão vão destruir a natureza.” Acontece que lá há um capinzal natural, quer dizer, não é preciso destruímos as matas para plantar capim. Uma complicação que temos é quando nós, indígenas, queremos nos organizar e vem pessoas de fora influenciar a nossa organização, como é o caso da política partidária. A maioria dos políticos envolve as comunidades e cria uma mentalidade na cabeça dos indígenas para que haja uma divisão, para que a nossa

organização não seja valorizada, porque ela não tem condições de dar sustentação alimentar ou sustentação em todos os sentidos. Isto é uma dificuldade para nós. Temos parceiros de trabalho, como as missões religiosas, que muitas vezes contribuíram, mas muitas vezes também prejudicam o andamento do nosso trabalho, porque em determinados momentos queremos ir por um caminho e eles não querem: “Não, este caminho é perigoso, tem que desviar.”

Apesar das diversidades, acho que nós, povos indígenas, temos que ter uma linha de trabalho comum. O que é que nós vamos fazer em conjunto, já que somos 350.000 índios em todo o Brasil? O que é que nós estamos pensando? Sei que até agora estamos precisando da ajuda das pessoas que querem ver o índio como índio, mas há muitas pessoas que querem ver o índio destruído, então acho que temos que ter estas linhas de trabalho. Vejo uma confusão, de 91 até 99, nesta situação de dupla responsabilidade pela saúde do índio, que causa problema entre parentes. A saúde deve ficar com a FUNAI ou com a FNS? Nós tivemos uma conferência de saúde em 93 onde foram tiradas diretrizes para que houvesse um órgão diretamente ligado ao Ministério da Saúde para assumir a responsabilidade da saúde da população indígena, pois viu-se que a FUNAI não tinha pessoas suficientes para dar assistência adequada à população indígena. Neste período de 8 anos vimos que a FNS também não tem. Onde é que nós vamos buscar estas pessoas? Vamos precisar de recursos humanos e se os próprios indígenas não tiverem uma formação adequada, nunca teremos estes recursos. Em Roraima temos uma rede de 330 agentes de saúde que inclui microscopistas e agentes de saúde. São eles que estão agüentando a saúde do índio em Roraima, quer dizer, até agora nenhum profissional de saúde branco teve condições de passar as necessidades que aqueles índios estão passando. Eles não se adaptam de jeito nenhum, eles têm o mundo deles, eles passam uma semana, duas semanas, três semanas, um mês e já estão com muita saudade de casa. Como dizem os Yanomami, eles têm muita saudade da família e voltam, nunca mais querem ir para lá. Nós temos então o exemplo deste pessoal que está agüentando, que está controlando um pouco a situação das doenças e que está levando à frente o trabalho. Isto é gratuito, estão trabalhando na boa vontade, na força de vontade. Então as pessoas que estão se preocupando com esta situação são índios que agüentam viver esta vida. Nós temos índios que são funcionárias da FUNAI, que são funcionárias da FNS, mas que já têm uma vida diferente da do índio que está lá na aldeia. O índio que está na aldeia está sofrendo mesmo, nós temos parentes Yanomami, em Roraima, que estão se destruindo, que estão se acabando por causa da doença, porque a FNS assumiu mas não prestava trabalho dentro da área deles. Como é que fica a situação? Eles não têm agentes de saúde, eles não sabem falar a língua, eles não sabem fazer nada. Nós, de Roraima, temos que fazer alguma coisa por eles. Estamos preocupados com isto. Com a distritalização, como é que vão formar o conselho distrital deles? Quase ninguém fala português, se há uns três que falam, é muito. São dificuldades muito grandes que estamos tendo. Para finalizar, quero dizer a vocês que estamos também com o problema da Raposa/Serra do Sol. Levamos três ministros para olhar a área indígena, três Ministros da Justiça nós levamos lá. Todos os três ministros, quando chegava o final da reunião, diziam: “Olha, a terra de vocês vai ser demarcada”. Em 96 foi o ministro Nelson Jobim. Ele foi lá, fez uma reunião na assembléia geral e disse: “Eu vou demarcar, vou dar um presente de natal para vocês.” O presente de natal que ele deu foi um despacho dizendo que aquela demarcação deveria ser revista, deixando as vilas dentro e as estradas fora. Foi este o presente de natal. Passaram-se mais dois anos e no dia 11 de dezembro de 98 o então

ministro Renan Calheiros assinou a portaria de demarcação da Raposa/Serra do Sol. Passado este período, já houve outra negociação com o governo do estado e os políticos estão revogando aquela portaria e voltando a obedecer o despacho dado pelo Nelson Jobim. É este o problema que está ocorrendo em Roraima. Raposa/Serra do Sol é uma área de 1.650.000 hectares, onde habitam 12.000 índios Macuxi, Wapixana, Taurepang e Ingaricó [conferir]. Não é, portanto, uma área que está vazia, não é uma terra grande para poucos índios. É uma terra para aqueles índios que moram ali dentro. Os índios estão reunidos lá e não vão ceder. Temos aqui um documento que foi escrito pelo CIR, que também está na internet, e, se interessar, vamos deixar aí, vocês podem pegar para ver como está a situação lá. Quero concluir dizendo que acho que falta muito para que as leis possam ser cumpridas. Elas podem até ser reformuladas, modificadas, mas quem é que vai fazer cumprir? Se o nosso governo é o primeiro a descumprir as leis e os próprios deputados federais e senadores, que aprovaram a Constituição, também descumprem as leis, fica difícil. Quem vai fazer cumprir, a polícia? A polícia não vai, porque obedece às normas do governo. Então estamos neste meio campo, não sei como é que nós, índios, vamos continuar vivendo. Bem ou mal, temos que arrumar caminhos para a nossa melhoria na parte da educação, na parte da saúde, na parte da auto-sustentação e vamos levar em frente o nosso trabalho. Muito Obrigado.